



MORFOLOGIA DO TERRITÓRIO E PAISAGEM. MARVILA

Claudia Sisti . Architect

Public Space and Urban Regeneration,
Ph.D. Programme. POLIS Research
Center, University of Barcelona
Bolsaira FCT

Entendo por periferias aquelas partes de cidade onde o binómio capacidade de uso e capacidade de produção de significado está desequilibrado em uma das suas componentes (...)

De onde se retiram elementos produtores de significado na intervenção para as periferias das cidades do sul de Europa ? O tempo: come é natural, na periferia, o significado no início é irrelevante.

As condições impostas aos objectos e processos de urbanização têm que permitir que o tempo, (...) o encontre.

Os caminhos para obter significado, a curto prazo, são caros. A produção de significado, tirando situações especiais, está relacionada com o tempo.

O lugar: lugar é o maior capital das cidades do sul de Europa.

É prioritário e vital que o seu crescimento considere a especificidade dos seus lugares, difíceis e com grande carácter, pois não foram ocupados nos momentos de fundação.

Eduard Bru

1. Lisboa enquanto espaço urbano intrinsecamente relacionado com a morfologia do seu suporte natural

A ocupação do sitio de Lisboa foi fortemente determinada pelas suas condições naturais, em particular pelas características do seu relevo.

A coincidência das linhas dominantes do relevo com as linhas estruturantes do tecido urbano enfatiza a importância das circunstâncias morfológicas na evolução de Lisboa.

A cidade foi-se desenvolvendo ao longo dos vales e das linhas de fecho principais, através de um crescimento linear e de malhas adaptadas à sua topografia.

A coincidência entre colinas e bairros históricos faz de Lisboa uma cidade com identidades múltiplas.

Como em muitas cidades do Sul de Europa, cujo relevo caracteriza duma forma determinante a relação entre localização de edifícios e paisagem, em Lisboa, os elementos arquitectonicos mais



relevantes escolharam lugares privilegiados, tornando-se elementos significantes na leitura da cidade, integrando assim territorio e espaço urbano.

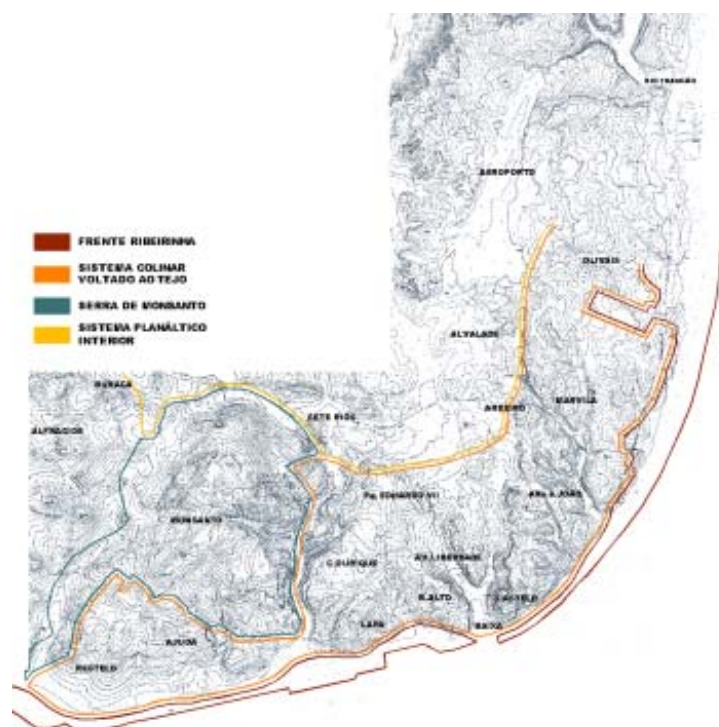
2. Lisboa das coincidências e do relevo como significante

A implantação dos edifícios notáveis não encerra simplesmente uma referenciação da estrutura urbana mas, sobretudo, traduz uma relação intrínseca com o relevo da cidade, compondo um sistema de referências que permite uma interpretação quase directa da morfologia lhe está associada.

Ao mesmo tempo, a morfologia intervém como factor determinante na percepção dos espaços da cidade, integrando o conjunto de circunstâncias e acontecimentos urbanos que lhe dão carácter e que nos permitem deter um 'manual' de orientação para as movimentações quotidianas.

A correspondencia entre morfologia e funcionalidade resulta igualmente clara neste mapa de 1895 onde estão demarcadas as zonas e os reservatórios para a distribuição de água.

Sendo o sistema de abastecimento de água determinado por dois factores essenciais e de naturezas



distintas – localização da população a servir e gravidade / energia potencial – a sua representação cartográfica resulta muito elucidativa da relação entre topografia e espaço urbano.

3. Lisboa em grandes traços morfogenéticos

O Plano Verde da cidade de Lisboa identifica quatro grandes sistemas naturais de paisagem.

A diferenciação destas zonas apoia-se sobretudo no carácter morfológico e na relação com o Rio, um sistema da Serra; um sistema de colinas e vales encaixados (sendo 3 os mais relevantes); um sistema para planáltico; uma frente caracterizada pelo contacto com a margem ribeirinha de relevo muito suave

O primeiro troço da antiga estrada de circunvalação de 1852, representada no levantamento de Felipe Folque, estabelece precisamente a fronteira entre o sistema colinar e o sistema para-planáltico.

Começando pela Ponte de Alcântara, corria paralela à mesma ribeira, por baixo do Cemiterio dos Prazeres, cruzava a estrada de Campolide, passando junto ao Largo de S. Sebastião da Pedreira, ao Forte das Picoas, até ao Largo do Leão.

4. O crescimento urbano de Lisboa deixando dois vazios simétricos e complementares

No seu crescimento urbano, Lisboa deixou dois vazios simétricos e complementares: Monsanto e o Vale de Chelas.

Estes espaços fortemente caracterizados surgem em correspondência de situações de fronteira com áreas estabilizadas.

O vale de Alcântara marca o limite com a Serra de Monsanto, o festo do Alto de S. João define o Vale de Chelas.

Importa perceber a situação morfológica destes grandes vazios urbanos: a sua origem e a sua caracterização.

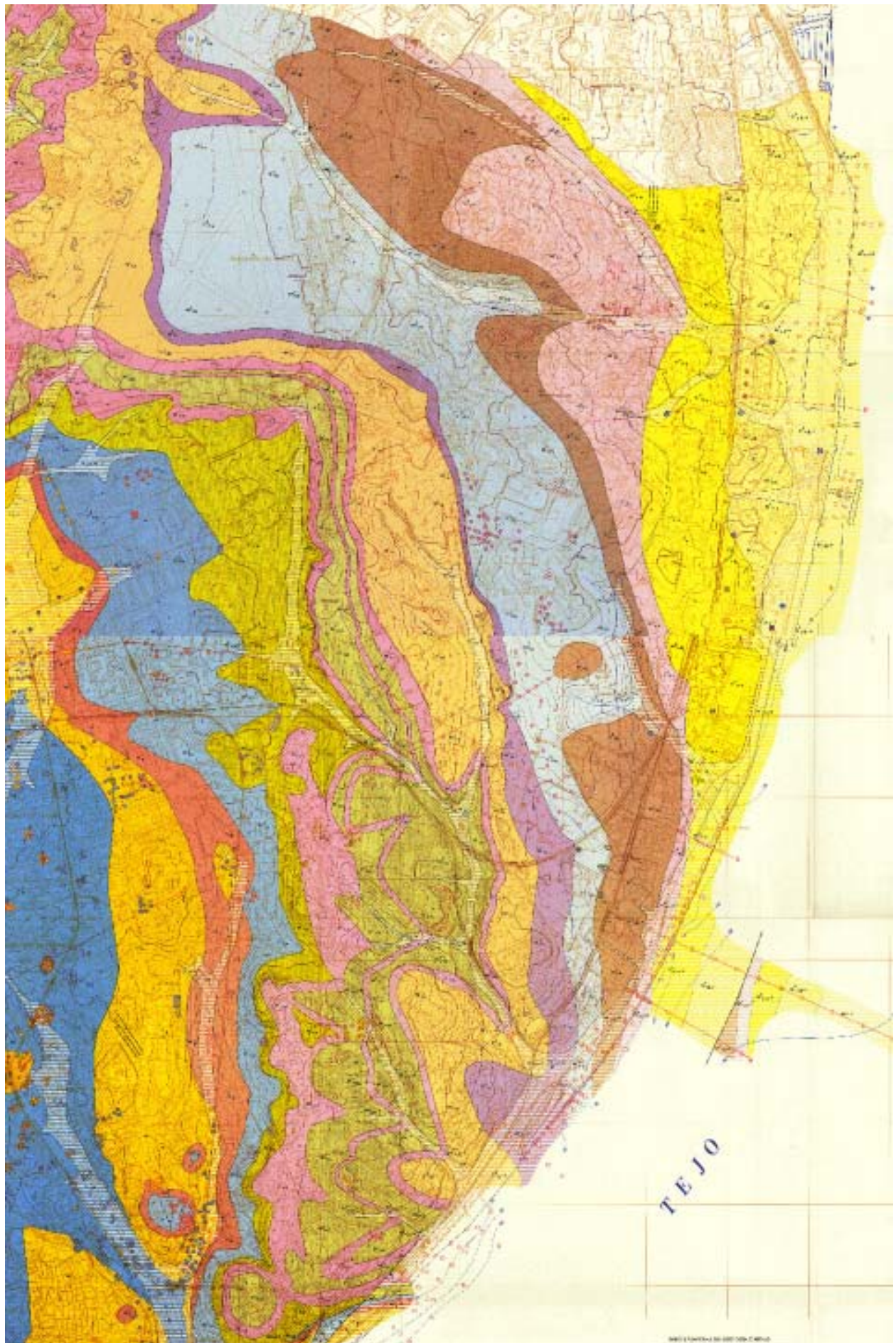
Monsanto, foi o resultado de uma decisão estratégica, de grande força política e suportada tecnicamente pela vontade da expansão para Ocidente a favor do plano da Costa do Sol, da abertura da autoestrada do Estoril, da Av Marginal, e da localização do Estádio Nacional como grande equipamento monumental.

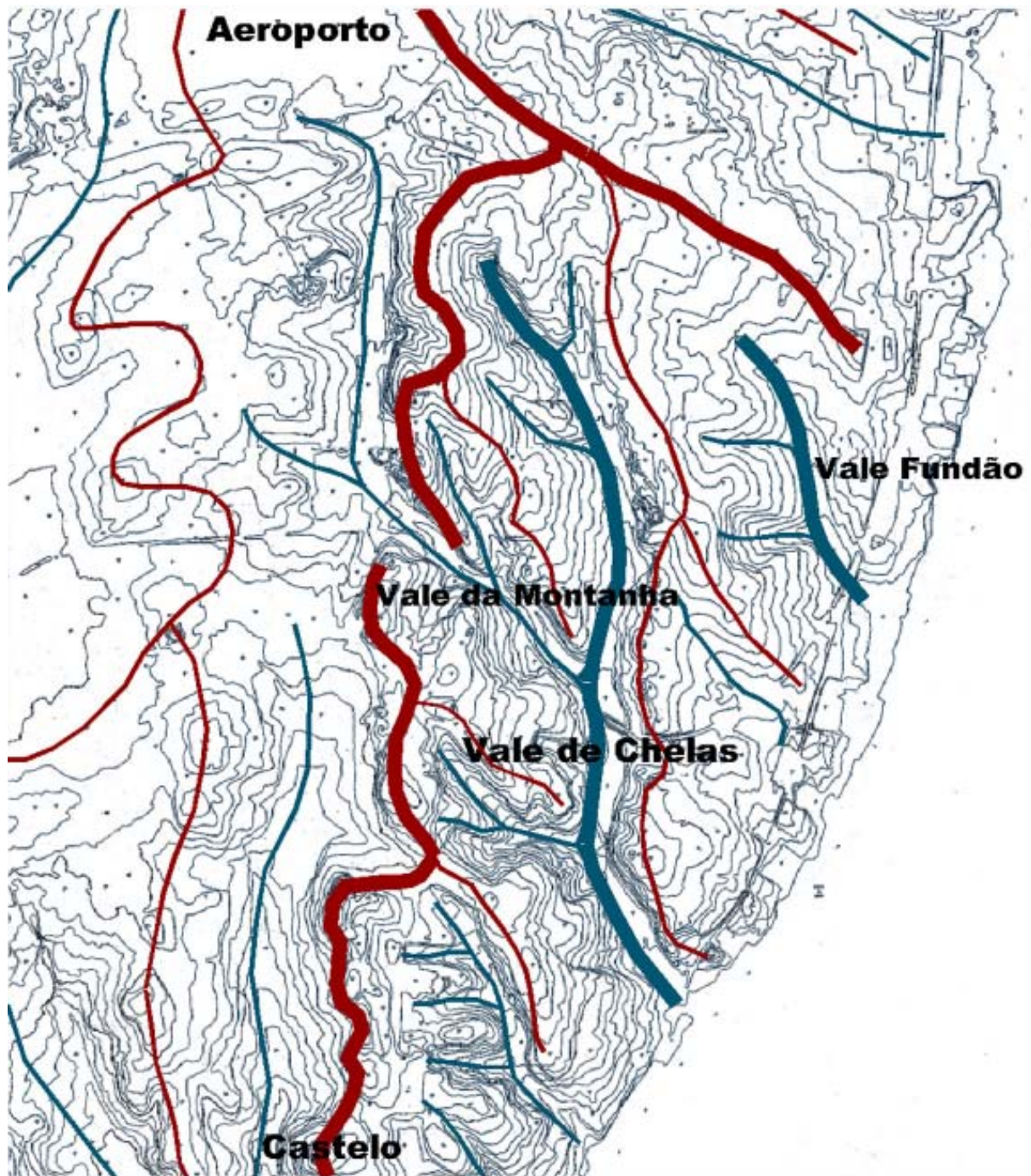
O Parque de Monsanto, mil hectares expropriados para regime forestal, autentico pulmão verde na cidade, estava pensado como um complemento essencial desta operação.

Por outro lado, Chelas e a zona poente, terreno que historicamente se manteve rural e que vai receber parte da industria e os planos de urbanização para os bairros sociais, mantendo ainda assim uma prevalência de área não edificada.

Tal como Monsanto o territorio de Chelas se configura no mapa de Lisboa como uma unidade fisiográfica distinta do restante espaço da Cidade



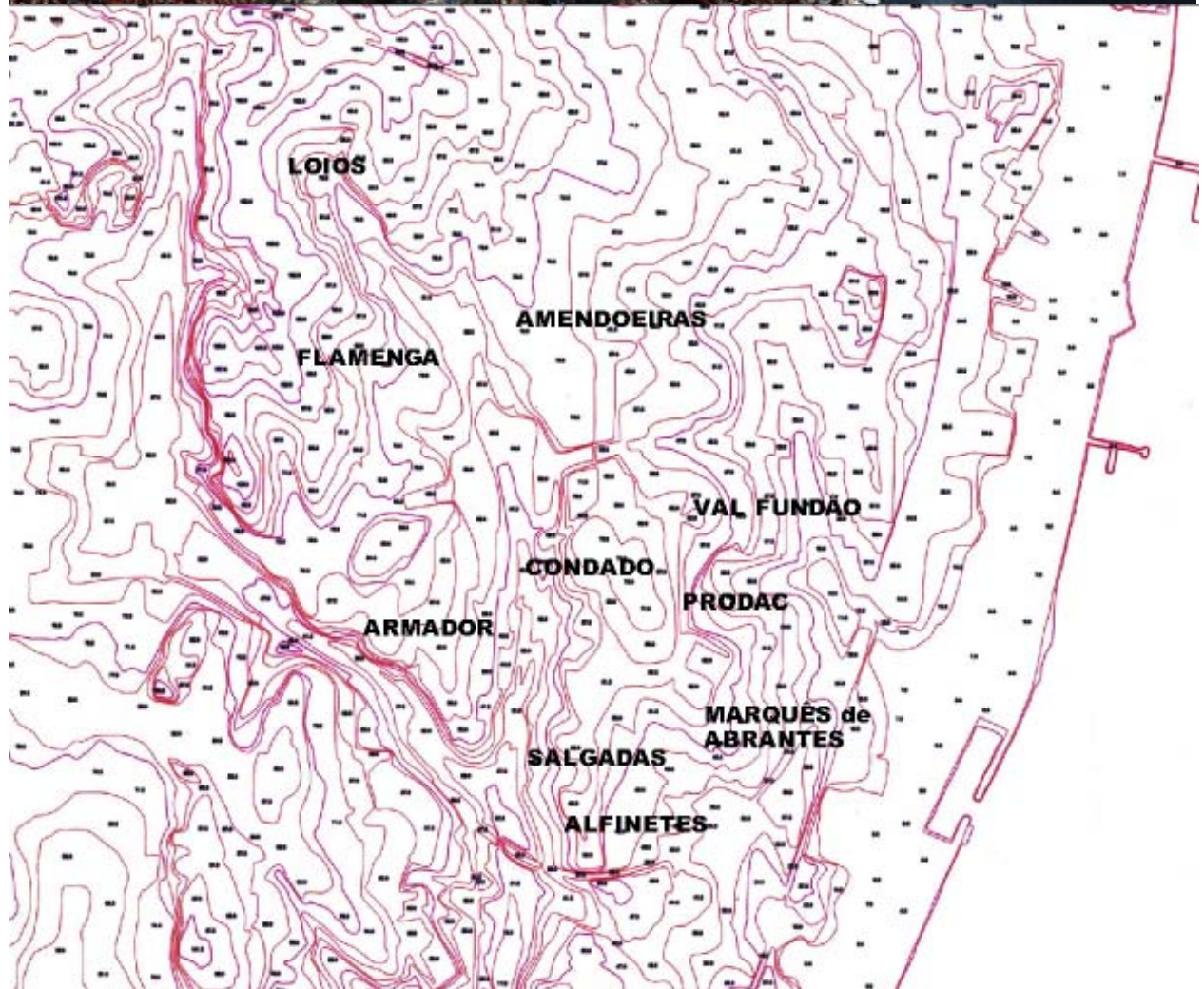
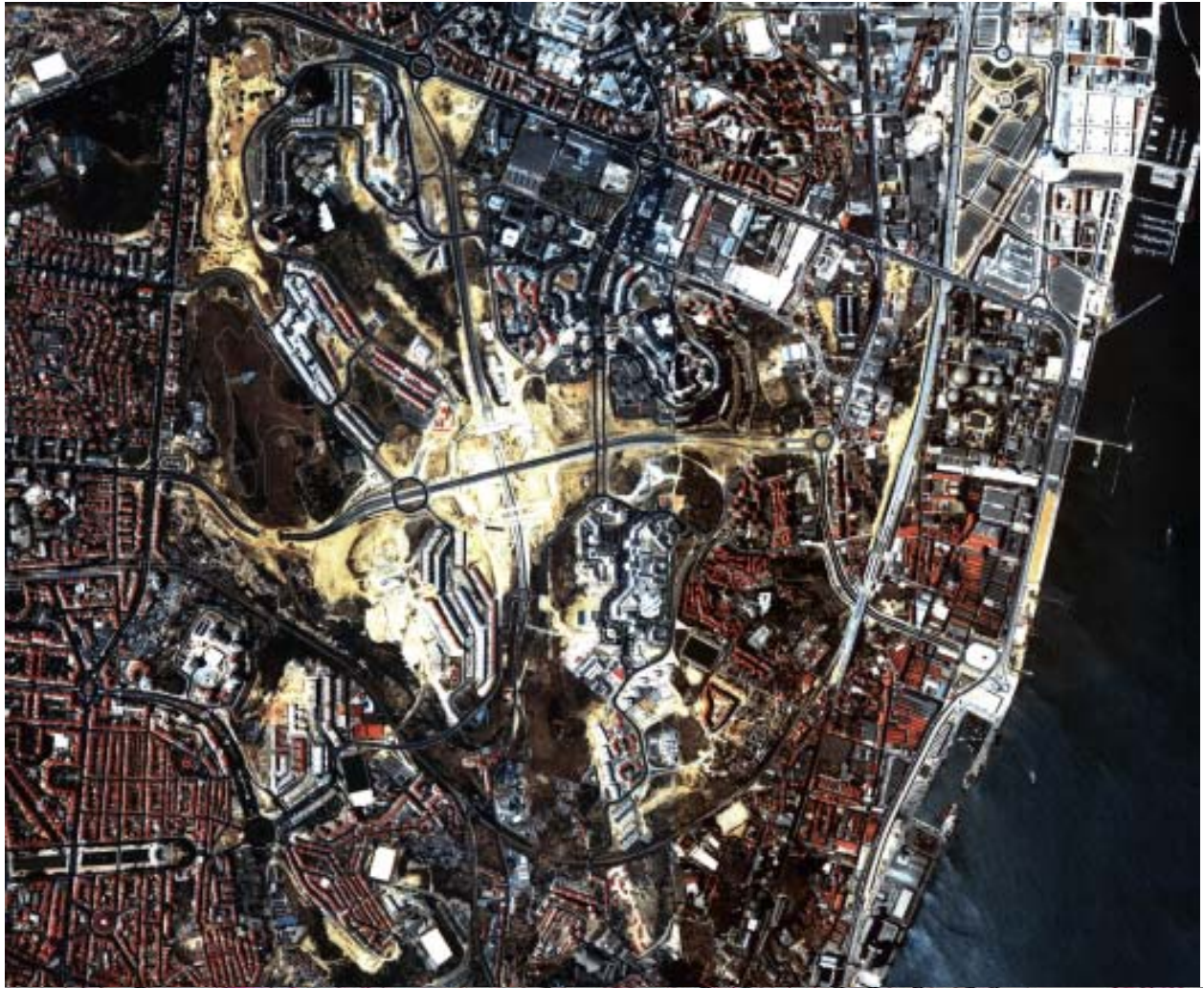


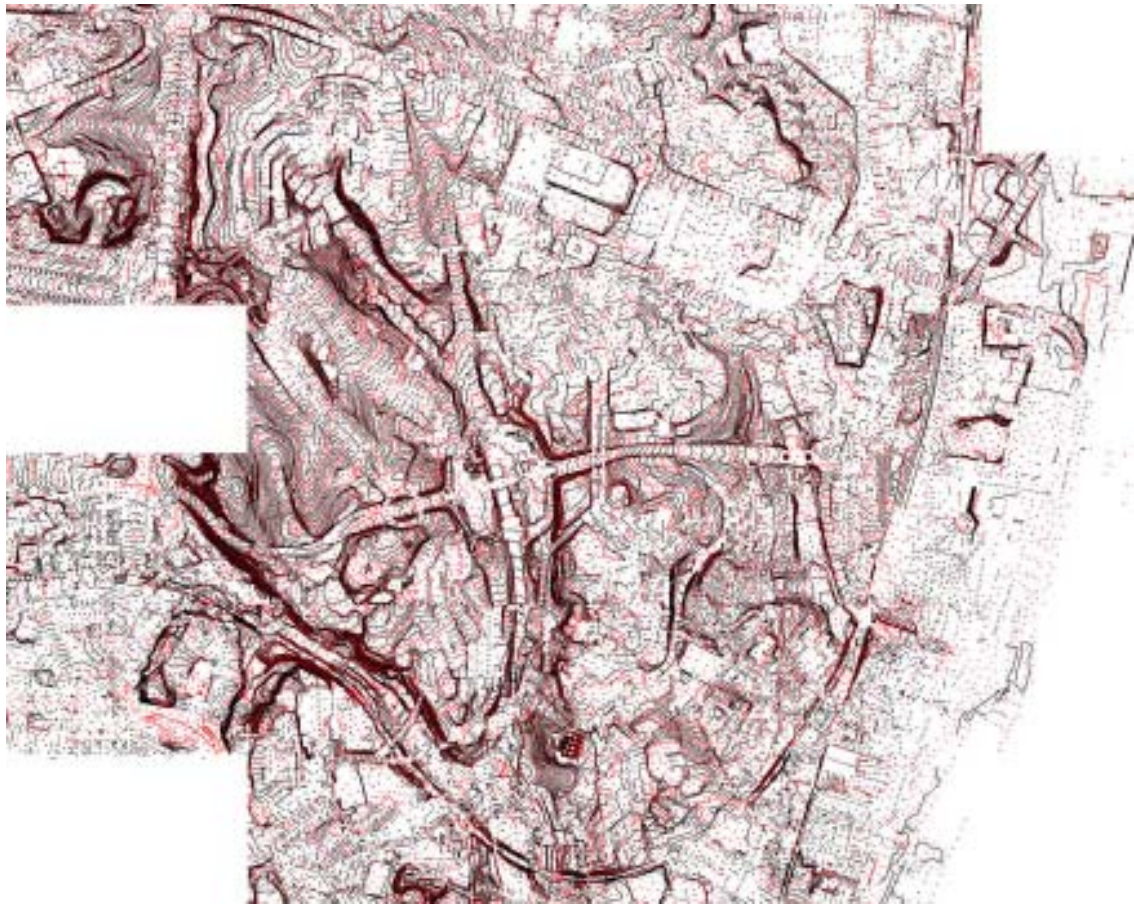


5. A especificidade do território de Marvila

Na carta geologica da região de Lisboa distinguem-se com clareza:

- a Serra de Monsanto, a castanho, composta pelo complexo vulcanico de Lisboa e as zonas a verde dos calcários cristalizados
- o vale de Âlcantara
- o Vale da Avenida da Liberdade onde predominam a azul os Calcários dos Prazeres
- e zona de areias e argillas do Vale de Chelas.





Do uma forma geral é clara a oposição entre nascente e poente registando-se aqui as formações significativamente mais recentes, enquanto o complexo vulcânico de Monsanto domina todo o espaço ocidental da cidade.

Este território integra-se numa zona que em eras geológicas mais recuadas esteve submersa pelas águas.

A natureza do subsolo permitiu a extracção da areia e de outros materiais.

A linha de água do vale de Chelas corre ao longo destas Areias em grande parte do seu percurso, desviando-se depois da Madre Deus sobre os calcários da Musgueira.

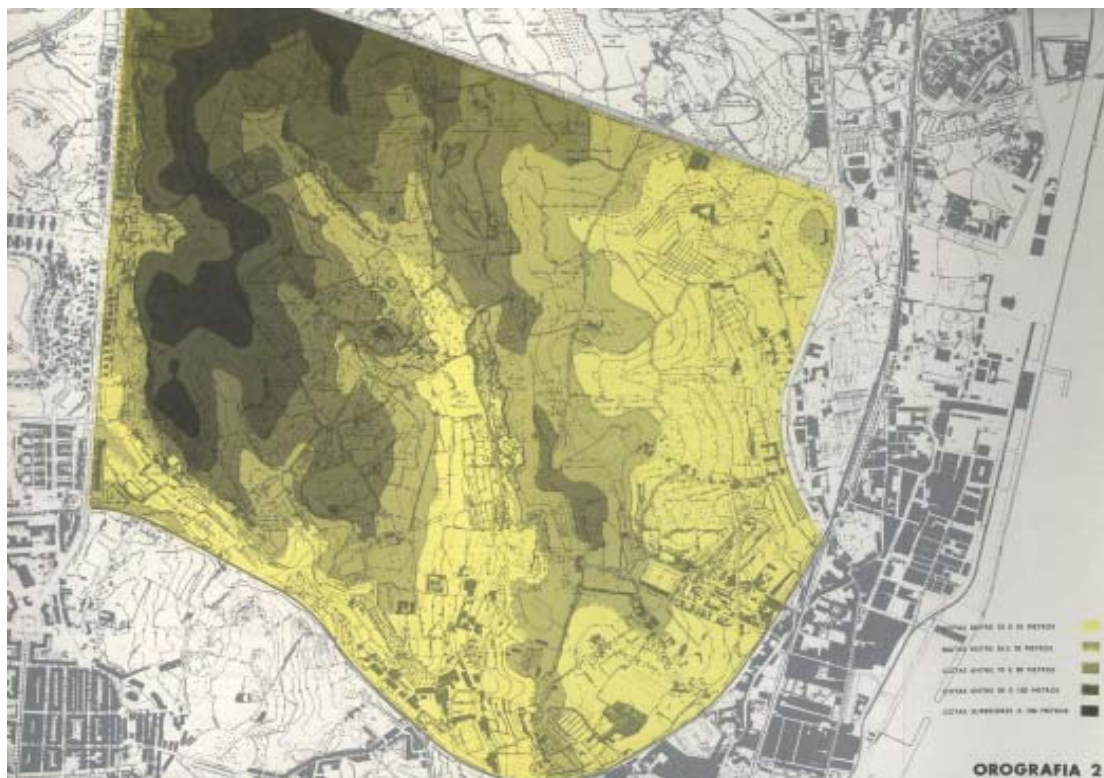
Da observação do sistema da Fisiografia da Zona de Marvila podem distinguir-se os tres Vales principais, Vale central, Vale da Montanha e Vale Fundão.

“O Vale Central, cujo talvegue possui uma orientação sensivelmente norte-sul, divide o sistema em duas unidades geográficas que por sua vez vem compartimentar outros vales menores.

A zona apresenta-se formada por duas encostas com pendentes para o rio e que atingem as cotas mais elevadas nas cristas sobranceiras ao vale central e à avenida Gago Coutinho.

As depressões que se registam nestas encostas correspondem a linhas de água que se agrupam em dois sistemas: um que escoa para as bacias hidrográficas do vale central e do vale ocupado pelo caminho de ferro; outro, a nascente, que recebe as águas do Vale Formoso e dos vales que se inserem a poente.

Os vales secundarios definem zonas de colinas que permitem a existência de posições abertas a enfiamentos e largas panorâmicas.”
(do Plano de Urbanização de Chelas, 1965)



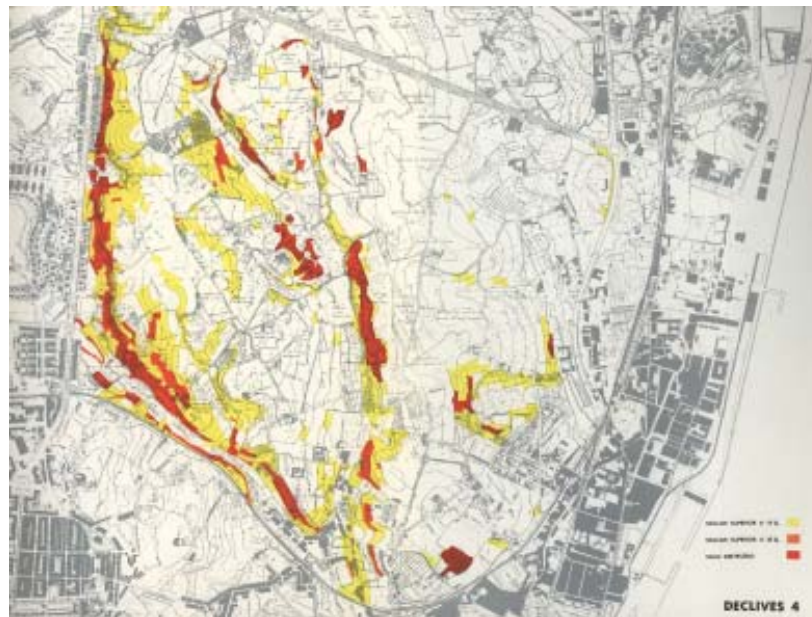
6. Antropização e morfologia do território

No ortofotomapa de 1999 é ainda bastante patente a persistência deste vazios, em correspondências principalmente dos vales, a da progressiva e profunda alteração que a morfologia do território vai sofrendo através da implantação de grandes infraestruturas.

A nova morfologia, esta morfologia artificial é pois o resultado da justaposição de uma morfologia metabólica, relacionada com os processos de funcionamento natural do território, com uma topografia acrescentada resultante do esforço de implantação de rápidas acessibilidades.

É interessante voltar ao levantamento de Silva Pinto, de 1911, para analisar como a paisagem estava estruturada no princípio do século, e como a apropriação do território se fazia de acordo com uma lógica localizada, ao contrário da situação representada na carta anterior na qual é patente a prevalência da intenção de conectar directamente territórios exteriores ao sítio, em que a morfologia intervém, simplesmente como factor de condicionamento da maior o menor facilidade de implantação dos canais rodoviários.

Da análise do parcelamento do território, feita em 1992 no âmbito do Programa Valis, pela equipa coordenada pelo Arq. Hestenes Ferreira, identificam-se parcelas sob designações genéricas de “Quinta”, “Horta” “Convento” e um pequeno aglomerado de casas que se desenvolve na encosta poente ao longo da estrada de Chelas.



“As dimensões das parcelas variam entre 2 e 15 hectares.

As parcelas do tipo “Quinta” ocupam na maioria dos casos, situações de encosta, terço médio superior, e situações de festo.

As parcelas do tipo “Horta” possuem em geral proporções alongadas, correspondentes a ocupações do terço inferior da encosta e talvegue, localizando-se ao longo do vale de Chelas.

A estrutura desta paisagem, dada por um sistema de azinhagas de compartimentação de propriedade, constitui um dos aspectos mais notáveis pela sua adaptação ao carácter fisiográfico do território. As principais azinhagas encontram-se dispostas ao longo da linha de festo ou de talvegues sendo as ligações entre elas, asseguradas por Azinhagas perpendiculares as encostas.

A compartimentação externa das quintas é feita por muros em taipa

e alinhamentos perimetrias de oliveiras.

A divisão interna das folhas é definida por caminhos, alinhamento de árvores e taludes" (VALIS)



7. O plano de 1965 e a interpretação do território

O processo de transformação da paisagem de Chelas, operou uma rotura profunda com o carácter pre-existente, sem uma preocupação clara de estabelecer uma relação de continuidade com a cultura do Território.

O plano de urbanização desenvolvido em 1965 pelo Gabinete Técnico de Habitação estava baseado numa análise morfológica efectuada de acordo com critérios de planeamento ambiental, tendo por base a aptidão ecológica, o plano situa as manchas da edificação nas zonas consideradas aptas para este uso, basicamente as linhas de fecho principais.

Caracterizando através de mapas a situação da Orografia, Orientações de encostas, Bacias hidrográficas e Declives, o relatório do Plano aponta a situação das encostas com declives acentuados como maior condicionante para construção.

É interessante notar como, nos Anexos ao Relatório do Plano de '65, esteja incluído um Estudo de ocupação de encostas que procura analisar, através de três casos tipo (a encosta da Lapa, Alfama e Av. da Liberdade), a ocupação edificada do solo, o tratamento dos espaços livres e o espaço urbano a partir da sua integração na paisagem natural, procurando assim exemplos para uma adaptação correcta a condições topográficas difíceis.

As áreas de implantação dos edificios estão, portanto, localizadas nas cristas, nas encostas menos

inclinadas e nos vales mais largos. Esta implantação gera uma compartimentação das áreas de habitação; para obviar a este factor, o plano aponta para a criação de estruturas lineares, faixas que interligam as massas edificadas que nunca chegaram a ser construídas.

As zonas verdes desempenham, no conjunto da malha, duas funções distintas que em alguns casos de sobrepõem: áreas de recreio colectivo devidamente equipadas e protecção contra as consequências da presença da, então próxima, indústria poluente.

A criação de áreas arborizadas iria servir de filtro para as brizas que se levantam do Mar da Palha, transportando os fumos provenientes destas zonas.

A localização do Parque da Bela Vista prende-se tanto com questões de tipo morfológico como com razões ligadas à servidão do Aeroporto.

Toda a encosta sobranceira à Av. Gago Coutinho, com solos amplamente destruídos para a extracção de areias e com declives superiores a 15%, estava já no Plano do G.E.U. de 1958 destinada a área verde.

Referências:

- BARROS FERREIRA, M.J. (1984) *A evolução dos espaços verdes nos Olivais*, Tese de Licenciatura, Lisboa: ISA
- BORJA, J. e CASELLS M. (1997) *Local y Global – La gestión de las ciudades en la era de la información*, Madrid: Taurus
- BRANDÃO, P. e REMESAR A. (eds) (2004) *Design Urbano inclusivo, uma experiência de projecto em Marvila “Fragmentos e Nexos”*. Lisboa: Centro Português de Design
- CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA GHT (1965) *Plano de Urbanização de Chelas*. Lisboa: CML-
- CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA (1993) *Morfologias Urbanas 1850-1950*, Lisboa: CML
- CONSIGLIERI, C. e ABEL, M. (2002) *O formoso sítio de Marvila*. Lisboa: Junta de Freguesia de Marvila
- DIRECÇÃO GERAL DE GEOLOGIA E MINAS (1999) *Carta Geológica do Concelho de Lisboa (Material Cartográfico)*
- GASPAR, J.(coord) (1990) *Valis. Valorização de Lisboa* Lisboa: CEDRU
- GOLÇALVES, S (1972) *A Proposito do Plano de Chelas. Urbanizar e construir para quem?* Porto: Edições Afrontamento
- GTH, (1992) *Arranjos de Espaços Exteriores na Zona de Chelas em Habitação* Lisboa, Lisboa:CML
- GUERREIRO, R. (2001) *O papel do suporte Físico Natural na génese e formação da Cidade Portuguesa* Tese de Maestrado, Lisboa: ISCTE
- FOLGADO, D. e CUSTODIO, J.(1999) *Caminho do Oriente – Guia do património industrial*. Lisboa: Livros Horizonte / Caminho do Oriente
- HEITOR, T. (2001) *A vulnerabilidade do espaço em Chelas, uma abordagem sintáctica*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciencia e a Ténologia, Coleção textos universitários de Ciências Sociais e humanas
- MAGALHÃES, M. R. (1996) *A Morfologia da Paisagem*, Tese de Doutoramento, Lisboa: UTL ISA
- REMESAR, A. e COSTA, J.P. (2002) *Ideias e realidades, futuros expectantes*. Em AA.VV. *Lisboa Capital do Nada – Criar, debater, intervir no espaço público* (pp.350-367). Lisboa: extramuros / Junta de Freguesia de Marvila / Centro Português de Design
- REMESAR, A. e COSTA, J.P. (2004) *Multifunctional land use in renewal of harbour areas- Patterns of physical distribution of the urban function*. *On the waterfront* 6, 1-41
- RIBEIRO TELLES, G. (1997) *Plano Verde de Lisboa* Lisboa, Lisboa: COLIBRÍ,
- SARAIVA M., *Estrutura verde da Região de Lisboa, esboço para uma quantificação em Sociedade e Território*, Dezembro, 1989
- SALGUEIRO, T.B. (2001) *Lisboa, periferia e centralidades*. Oeiras: Celta Editora

Imagens:

- 1.-Gabinete Estudos Olisiponenses. Planta da Cidade de Lisboa e Belém em 1812
- 2.-Gabinete Estudos Olisiponenses.Planta com indicação das zonas e dos reservatóriosPara distribuição de águas. 1895
- 3.-Base: Instituto Geográfico do Exercito. Carta Militar do Concelho de Lisboa, 1/10 000, 1978. Leitura: elementos retirados do Plano Verde de Lisboa. Livre interpretação de imagem retidada do “Plano Verde de Lisboa” coord. G.Ribeiro Telles.
- 4.- Arquivo Fotográfico CML. Panorâmica sobre a Serra de Monsanto, 1939
- 5.- Arquivo Fotográfico CML.Vale Fundão e Fábrica do Material da Guerra, 1950-59
- 6.- Arquivo Fotográfico CML. Parque Florestal de Monsanto. Década de '40
- 7.- Arquivo Fotográfico CML. Vale da Montanha (?) 1950-59
- 8.- INETI: Instituto Geológico e Mineiro. Extracto da Carta Geologica do Concelho de Lisboa, Autor: F. Moitinho de Almeida, 1986. Marvila: geologia
- 9.- Base: Instituto Geográfico do Exercito. Carta Militar do Concelho de Lisboa, 1/10 000, 1978. Marvila: carta de festos e talvegues
- 10.- Instituto Geográfico Português. Extracto do Ortofotomapa 110/195, 115/195. Escala 1/10000. Voo de 1999. Marvila: ortofotomapa
- 11.-Instituto Geográfico Português. Extracto do Ortofotomapa 110/195, 115/195. Escala 1/10000. Voo de 1999. Marvila: altimetria
- 12.- Câmara Municipal de Lisboa: Levantamento Aerofotogrametrico, escala...ano...Folhas: L12-16,M12-16, N12-16,O12-16,P12-16,Q12-16 . Marvila: morfologia artificial
- 13.- Gabinete de Estudos Olisiponenses: Levantamento Topografico de Silva Pinto Marvila: 1911
- 14.-Extracto de Plano de Urbanização de Chelas, 1965. Marvila: o plano de 1965, orografia
- 15.- Extracto de Plano de Urbanização de Chelas, 1965. Marvila: o plano de 1965, declives
- 16.- Extracto de Plano de Urbanização de Chelas, 1965. Marvila: o plano de 1965, servidão do aeroporto
- 17.-Extracto de Plano de Urbanização de Chelas, 1965. Marvila: o plano de 1965